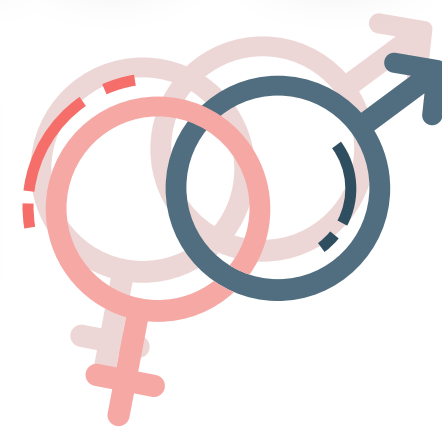
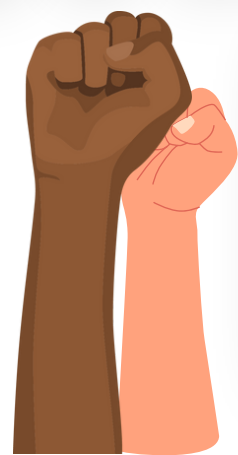


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO

Literatura e Crítica Literária

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO



QUESTÕES

DE



GÊNERO

Autoras: Erika da Silva Santos e Alananda de Vasconcelos Fernandes

Compreendendo o gênero, suas inter-relações e implicações sociais

Parte 1 - autora: Erika da Silva Santos.

1. O que significa o conceito “gênero”? Como ele se manifesta socialmente?

Ao recorrermos aos dicionários em busca de esclarecimento à concepção de gênero, encontraremos vocábulos pertencentes as mais diversas ordens. No que nos compete, como forma de introduzir nossas discussões, a definição mais proveitosa pode ser encontrada no dicionário online Priberam¹, que o apresenta como sendo o “conjunto de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos.”.

De tal modo, estabelece-se que o gênero se constitui como um elemento simbólico construído socio-historicamente no seio de uma dada cultura. Dessa forma, sendo um artefato cultural está sujeito a diferenciações de acordo com o tempo e o espaço em que se insere e os indivíduos a ele interligados. Nesse ínterim, segundo Guacira Lopes Louro, “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem” (LOURO, 1997). Como aponta Jaqueline Jesus, em forma de exemplificação, há “mulheres de países nórdicos têm características que, para nossa cultura, são tidas como masculinas. Ser masculino no Brasil é diferente do que é ser masculino no Japão ou mesmo na Argentina.” (JESUS, 2012, p. 6).

De tal forma, o gênero não é um dado natural, inato, mas sim algo que é paulatinamente construído e reproduzido nos e/ou pelos indivíduos. É o que aponta, por exemplo, Judith Butler, ao discorrer sobre os chamados “atos performativos”. Para Butler o gênero se constitui performaticamente, ou seja, através dos papéis/modos em que atuamos/representamos na cena social. Essa reprodução contínua acaba nos moldando, fazendo parte de nossa formação identitária. Desse modo, o gênero e a identidade se inter-relacionam e formam o que a autora denomina “identidade generificada”, a qual é “(...) constituída de forma tênue no tempo (...) por meio de uma

repetição estilizada de atos. (...) gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos (...).” (BUTLER, 2018, p. 3).

Os “atos performativos” legitimam a concepção em estudo e também atuam em sua manutenção, tendo em vista que não se trata de um elemento natural e estabelecido, mas sim algo construído com base nos preceitos das sociedades e de suas instituições. Segundo Bento,

“O gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, uma estilística definida como apropriada. (...) Essas infindáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros (...)” (BENTO, p. 43).

Nesse sentido, entende-se que a expressão compreende uma série de características, que de maneira simbólica representam e são associadas a determinados “padrões”.

2. O que é identidade, expressão e papéis de gênero?

De maneira simplificada, a identidade pode ser compreendida como um fator autodeterminado e subjetivo, tendo em vista que diz respeito ao gênero ao qual um indivíduo se sente pertencente. A expressão, por sua vez, está correlacionada ao modo como ele se manifesta ao mundo e os papéis correspondem às expectativas, e perspectivas que a sociedade associa um determinado gênero.

No mais, para Ann Oakley, a identidade de gênero se refere ao “sentimento de si, sobre *ser* homem ou mulher”, já o papel de gênero ao “*viver* como homem ou mulher.”² (OAKLEY, 2016, p. 67). Os papéis seriam, ainda, “padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar...” (LOURO, 1997).

Essa série de características que socialmente são atribuídas ao gêneros, são apreendidas e transmitidas, inconscientemente ou não, desde o nascimento de uma criança. Assim, ao nascer, se atribui a ela um gênero conforme seu sexo, sendo esse bebê criado conforme uma série de preceitos normativos pré-instaurados que se categorizam, em sua maioria, em “coisas de menina” e “coisas de menino”. Dessa maneira,

“Uma criança que recebe de presente bonequinhos para cuidar, dar de mamar, fogãozinhos e panelinhas onde predominam a cor rosa,

está sendo preparada para o gênero feminino (passiva, cuidadosa, bondosa) e que terá na maternidade o melhor e único lugar para exercer estes atributos. Ou então, se esta criança ganha revólveres, carros, bolas, e outros brinquedos que estimulam a competição e exigem esforços mentais e corporais está em curso o trabalho de fabricação do corpo para o mundo público.” (BENTO, p. 37).

3. Qual a relação do movimento feminista com a concepção de gênero?

A questão do gênero tem sido amplamente discutida nas mais diversas áreas de pesquisa e movimentos sociais, contudo, indubitavelmente, é trabalhada de maneira intensa no Feminismo, uma vez que, esse se constitui pela luta não apenas de igualdade, mas também de equidade, entre os gêneros. A categoria social passa a ser analisada pelo movimento durante a chamada “segunda onda”.

Ao estudarmos o Feminismo historicamente é comum que haja sua divisão em três períodos de grandes conquistas e repercussões – o primeiro é marcado pela luta pelo sufrágio feminino, no segundo, por sua vez, ele “além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas. No âmbito do debate que a partir de então se trava, (...) será engendrado e problematizado o conceito de gênero.” (LOURO, 1997).

É nesse contexto, por exemplo, em que Simone de Beauvoir, feminista e filósofa francesa, profere a célebre sentença "**Ninguém nasce mulher: torna-se mulher**. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”³ (BEAUVOIR, 1967, p. 9). A autora, dessa forma, desmistifica e desnaturaliza o sistema social que é implementado para privar as mulheres de seus direitos, subordiná-las socialmente e garantir a manutenção das desigualdades. Ao utilizar a expressão “fêmea humana” e “mulher” Beauvoir estabelece também uma diferenciação entre sexo e gênero.

Até esse momento, as lutas e discussões feministas se pautavam na categoria de gênero para compreender as desigualdades sociais instauradas às mulheres, em sua maioria, brancas. No entanto, em meados dos anos 80, quando se tem início a “terceira onda”, esse quadro se modifica, dado que começam a se desenvolver novos olhares sobre a questão, correlacionando-o a outras pautas, tais quais raça, etnia, identidade e sexualidade – os estudos implementados nessa fase reverberam até os dias de hoje, sendo comum no cenário atual nos referirmos aos feminismos, de maneira plural, dado que o movimento tem abarcado outros grupos sociais marginalizados, tais quais os indivíduos negros, indígenas e LGBTQIA+. Cabe

ressaltar, que é nesse período que no Brasil, especificamente, o termo “gênero” começa a ser utilizado, mesmo que timidamente, através dos textos produzidos pelas teóricas feministas da época (LOURO, 1997).

4. Gênero e sexo são iguais?

Apesar de comumente gênero e sexo serem compreendidos como sinônimos, diversos estudos antropológicos e culturais têm os distinguido semanticamente, sendo que a primeira distinção entre os termos foi realizada através das feministas anglo-saxãs (LOURO, 1997). De maneira ampla, entendemos contemporaneamente que o gênero, enquanto artefato situado de maneira histórica, social e cultural, tem sido atribuído aos indivíduos de acordo com seu sexo, ou seja, suas características biológicas e reprodutivas.

Consoante Stoller, o sexo é determinado de acordo com uma série de condições físicas “cromossomos, genitália externa e interna, gônadas, estado hormonal e características secundárias(...)” ao passo que o gênero estaria associado a “conotações mais psicológicas e culturais do que biológicas (...)”. Ainda segundo o autor, “se os termos adequados para sexo são ‘macho’ e ‘fêmea’, os termos correspondentes para gênero são ‘masculino’ e ‘feminino’; *esses últimos podendo ser bem independentes do sexo (biológico)*”⁴. (STOLLER, *apud* Oakley, 2016, p.64).

5. O que é a cisgeneridade e a transgeneridade?

De maneira geral, quando um indivíduo se desenvolve em conformidade com o gênero que lhe foi atribuído de acordo com seu sexo biológico é denominado **cisgênero**, quando ocorre o contrário, ou seja, quando esse indivíduo não se sente pertencente a esse gênero que lhe foi imposto, ele se caracteriza como **transgênero**.

A **transgeneridade** se caracteriza “pelos conflitos potenciais com as normas de gênero à medida que as pessoas que a vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente ao informado pelo sexo, *independentemente da realização da cirurgia de transgenitalização*”⁵. (BENTO, 2008, p. 183)”. Jaqueline Jesus (2012) esclarece que ainda não há uma concordância geral sobre a utilização do termo, entretanto, ele é considerado uma expressão guarda-chuva para referir-se também a pessoas transexuais e travestis.

De tal modo, para além de seu sexo biológico, há indivíduos trans binários e não-binários. No compete aos **trans binários**, há **mulheres trans** (transmulheres ou Male-to-Female (MtF)), as quais se identificam como mulheres e que reivindicam assim serem reconhecidas socialmente, e **homens trans** (transhomens ou Female-to-Male (FtM)), os quais se identificam como homens e que reivindicam assim serem reconhecidos socialmente.

O não-binarismo, por sua vez, se refere aos sujeitos que não se identificam com as oposições binárias de gênero, ou seja, não se sentem pertencentes a nenhuma das categorias difundidas sobre gênero. Desse modo, **não-binários** podem se identificar como **agênero** (que não se identificam com as categorias de gênero impostas e difundidas socialmente), **gênero fluido** (que transitam entre os gêneros), **andrógino** (termo que está em desuso) ou queer.

Queer é um movimento cuja principal pensadora e expoente é Judith Butler, através de sua obra “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade”. Ele é utilizado para se pensar e se referir às formas de existir para além da visão binária de gênero, da cisnormatividade e da heteronormatividade, ou seja, para além dos princípios normativos instaurados conforme a perspectiva feminino x masculino, cisgênero e heterossexual.

“Os estudos queer terão como um dos eixos o estudo dos mecanismos históricos e culturais que produzem as identidades patologizadas, invertendo o foco de análise do indivíduo para as estruturas sociais. Nesse processo de desnaturalização, o foco explicativo para a constituição das identidades desloca-se do indivíduo para as genealogias dos discursos que limitam a categoria ‘humanidade’ a apenas duas possibilidades excludentes: ou você tem pênis ou vagina. Ou você é mulher ou é homem. Dois corpos, dois gêneros. Ou você é masculino ou feminino, mas sejamos todos heterossexuais. Nada de ambiguidade. Um horror a indeterminação.” (BENTO, 2008, p. 52).

Para mais, há ainda os sujeitos **transexuais**, os quais segundo Jesus (2012, p.9) “sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem corrigir isso adequando seu corpo ao seu estado psíquico”. A autora ressalta que essa adequação pode ocorrer de formas variadas, que incluem desde tratamentos hormonais até procedimentos cirúrgicos (JESUS, 2012, p.9)

No que concerne às **travestis** – e aqui ressalta-se a importância da utilização do pronome feminino para se referir a elas – Jaqueline Jesus, aponta que se tratam de pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas que não se reconhecem

como homem ou mulher, mas como integrantes de um terceiro gênero ou de um não-gênero. (JESUS, 2012, p. 16).

6. Qual a importância de compreendermos o conceito?

Mediante tais apontamentos visamos esclarecer brevemente que a expressão “gênero” detém uma perspectiva histórica, social e cultural. Mais importante do que compreendermos do que se trata é investigarmos suas implicações, tendo em vista que o gênero tem sido imposto aos indivíduos muitas vezes privando-os de existirem de maneira plena, interferindo em seu autorreconhecimento e segregando-os. Como aponta Joan Scott “(...) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e *o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.*” (SCOTT, Joan).

Para além de nossa perspectiva e vivências pessoais, há múltiplas formas de se reconhecer e de se expressar ao mundo. Somos seres plurais em nossa cultura, em nossa etnia, em nossos gostos pessoais, e por que também não em nossos gêneros? Performar ou não a feminilidade e a masculinidade não deve ser compreendido meramente como uma escolha, mas como uma forma de viver em plenitude consigo mesmo, sendo essencial, além do mais, que cada indivíduo possa existir plenamente também no meio social, sem que sejam tolhidos e normatizados.

7. Como o conceito de gênero se relaciona à Literatura?

Em primeiro lugar, o conceito de gênero, em sua perspectiva social, pode ser utilizado como categoria analítica dos textos literários. Tendo em vista que a arte literária reflete e se baseia nos indivíduos da sociedade para a criação poética.

Em segundo lugar, os papéis de gênero, ou seja, comportamentos e funções que são esperados dos sujeitos, também se refletem nas obras. Quantos romances já não lemos em que as principais características das personagens-mulheres são feminilidade, delicadeza e beleza, ao passo que os personagens-homens são marcados pela masculinidade, bravura e força?

O que nos leva a refletir também sobre a produção das obras: quantas escritoras-mulheres há na literatura canônica? E quantas escritoras e escritores transgêneros são mundialmente conhecidos? A literatura, uma arte produzida de maneira histórica, social e cultural, tal como o conceito de gênero, também representa

o silenciamento que muitos sujeitos não pertencentes a parcela hegemônica da população (homem, cis e heterossexual) sofreram.

De maneira positiva, no entanto, tem sido através da arte literária, seja produzindo ou lendo-a, que muitos indivíduos têm (re)existido no mundo. A literatura tem dado voz àqueles que por muito tempo não conseguiram se manifestar, tem ajudado muitos a se compreenderem identitariamente, tem nos mostrado múltiplas vivências.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. Infância. In: **O segundo sexo: a experiência vivida**. Difusão europeia do livro: São Paulo. 2ª ed. 1967, p. 9.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Caderno de leituras, n 78. Trad. Jamille Pinheiro. Dias.

GÊNERO, in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/g%C3%AAnero>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. Brasília, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro -Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

OAKLEY, Ann. **Sexo e gênero**. Revista Feminismos, [S. l.], v. 4, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30206>. Acesso em: 9 out. 2022.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York, Columbia University Press. 1989.

PARA REFLETIR E SABER MAIS

Para conhecer mais sobre os papéis de gênero e a infância.

Vídeo “Coisa de menino e coisa de menina” – Matteo Brandão Procópio. Disponível em: <https://youtu.be/DVgb481rRGg>

Vídeo “Educating kids about gender norms – Elvis Pedersen-Nielsen, TedXCopenhagenSalon. Disponível em: <https://youtu.be/MHN1gqrXMUM>

Vídeo “Rosa e azul: falando de gênero às crianças” – Anthony Schullo, TEDxNorthAmericaCentralCollege. Disponível em: <https://youtu.be/6O9BKRJDqNA>

Para descobrir mais sobre Judith Butler e sua perspectiva crítica sobre gênero

Vídeo-entrevista “Judith Butler – Seu comportamento cria seu gênero (legendado)”. Disponível em: <https://youtu.be/9MIqEoCFtPM>

Livro “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade”. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Problemas-g%C3%AAnero-Feminismo-subvers%C3%A3o-identidade/dp/8520006116>

Para descobrir mais sobre Guacira Lopes Louro e sua perspectiva crítica sobre gênero

Vídeo-entrevista “Nós da educação – Guacira Lopes Louro (parte 1 de 3). Disponível em: <https://youtu.be/CLICgvnu72I>

Vídeo-entrevista “Nós da educação – Guacira Lopes Louro (parte 2 de 3). Disponível em: <https://youtu.be/BC99yElvUqs>

Vídeo-entrevista “Nós da educação – Guacira Lopes Louro (parte 3 de 3). Disponível em: <https://youtu.be/xWAYdberRpQc>

Livro “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista”. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/19-06SfZCrWqWVe2PazP0sDQcOrYcZBqV/view?usp=drivesdk>

Para compreender mais o conceito de “identidade de gênero”

Vídeo “O que é identidade de gênero” – Yahoo Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/D75jpZMk-kQ>

Vídeo “O que é identidade de gênero” – Canal Preto. Disponível em: <https://youtu.be/meFvvOQwRDw>

Vídeo “O que é identidade de gênero” – Conexões Históricas. Disponível em: <https://youtu.be/WSVqBBefs0M>

Vídeo “Identidade de gênero: o contrário da ideologia” – Regina Navarro Lins. Disponível em: <https://youtu.be/c4FDN4cE4I8>

Vídeo “Identidade de gênero e transexualidade” – Alexandre Saadeh. Disponível em: <https://youtu.be/56SWvY-0hpU>

Para compreender mais sobre transgeneridade e conhecer a perspectiva crítica de Berenice Bento sobre gênero

Livro “Transvi@dos. Gênero, sexualidade e direitos humanos”. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Transviadas-G%C3%AAnero-Sexualidade-Direitos-Humanos/dp/8523215999>

Para descobrir mais sobre o tema em geral

Ebook “Gênero e sexualidade na atualidade” – Leandro Colling. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30887>

Para conhecer mais sobre a relação entre gênero e literatura através de análise de clássicos da literatura e literatura de autoria feminina

Livro “Gênero e representação na literatura brasileira” - Constância Lima Duarte e outras autoras. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/G%C3%AAnero%20e%20representa%C3%A7%C3%A3o%20na%20Literatura%20Brasileira.pdf>

Parte 2 – autora: Alauanda de Vasconcelos Fernandes

- **O que é gênero?**

Discutir o conceito de gênero ainda é um desafio para qualquer pesquisador que se dedique ao assunto, apesar de que, nos últimos tempos, exista os mais variados ramos de estudos científicos e sociais que tem como preocupação a articulação sobre o tema.

Para uma análise inicial, em uma busca rápida pelo dicionário online Oxford, temos as seguintes classificações para o termo:

Gênero - substantivo masculino

1. conjunto de seres ou objetos que possuem a mesma origem ou que se acham ligados pela similitude de uma ou mais particularidades.

4. **BIOLOGIA:** categoria taxonômica que agrupa espécies relacionadas filogeneticamente, distinguíveis das outras por diferenças marcantes, e que é a principal subdivisão das famílias.

De acordo com o dicionário, observamos que o vocábulo é classificado como seres ou objetos que podem ser agrupados de acordo com as semelhanças ou diferenças entre si. Em dicionários mais antigos, é comum encontrarmos, inclusive, as separações entre feminino e masculino.

Entretanto, com o aparecimento dos movimentos feministas, o termo “gênero” passou a ser utilizado em seu sentido literal, ou seja, vinculado às construções sociais, não às características naturais. De acordo com Scott (1989, p. 3), as feministas americanas da década de 1970 compreendiam a necessidade de discutir a importância dos sexos no passado histórico e não apenas fixar o olhar na opressão vivida pela mulher.

- **O que é desigualdade de gênero?**

A partir dos estudos sobre a história e o papel social das mulheres na sociedade ocidental, percebemos que, durante um longo período, ela permaneceu silenciada e reclusa no âmbito do seu lar. Nesse contexto, surgiram as desigualdades de gênero, mudando de acordo com os séculos. Simone Beauvoir (1960, p. 9), uma importante feminista, destaca que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.”

Além disso, a estudiosa pontua que, enquanto recém-nascidos ou crianças, tanto meninos quanto meninas desfrutam do mesmo desenvolvimento e curiosidade em relação ao corpo. Quando se tornam maiores e as genitálias se diferenciam, os indivíduos passam a ser tratados de forma diferente. O garoto se desgarrava da mãe e a garota permanece por mais um tempo, aprendendo a como lidar com o seu futuro próximo: cuidados da casa, o casamento e, por fim, os filhos.

Quando olhamos para os séculos XVII, XVIII e XIX, por exemplo, observamos que a mulher é um indivíduo silenciado, pouco presente em lugares públicos, pois seu papel era pensar no bem-estar de seu âmbito familiar. Estar em silêncio integrava suas obrigações. Sobre essa questão, Michelle Perrot expõe que

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. (PERROT, 2007, p.11)

Em busca de mudanças, no final do século XIX, com a Revolução Industrial, o primeiro movimento feminista surgiu. A intenção era lutar pelo direito ao voto e a ao trabalho fora do espaço familiar. Já em 1960, nos Estados Unidos, ergue-se o segundo momento do movimento, reivindicando igualdade e transformação nas relações sociais da mulher com a sociedade e com o outro.

- **Quais as diferenças entre patriarcado e machismo?**

O patriarcalismo, consoante as ideias de Barreto (2004, p.64), é definido como uma estrutura histórica, comum a todas as sociedades da contemporaneidade. É tida como uma autoridade familiar, normalmente, do homem sobre mulheres e filhos, atravessando todas as outras relações sociais, como política, sociedade e cultura. Por esse viés, é possível afirmar que em uma sociedade determinada pelo patriarcalismo, a mulher é transformada em um indivíduo submisso, controlada pelo pai ou pelo marido.

Já o machismo surge quando, em um sistema de representação ideológico, utiliza-se do sexo para mistificar as relações entre homens e mulheres, hierarquizando-os em dominantes e dominados. Em situações práticas, um indivíduo machista é aquele que julga que a mulher possui aspectos físicos, intelectuais e sociais diferentes do homem, sendo proibida de agir em determinados espaços.

- **O que é sexismo?**

Por conta do patriarcalismo que perpassa historicamente nossa sociedade, é comum a existência do preconceito relativo ao sexo, ou seja, o sexismo, considerando, muitas vezes, determinados indivíduos como seres superiores ou inferiores de acordo com o espaço social em que se encontra.

Canciani e Canabarro (2016, p. 3) expõe que “O sexismo é um fenômeno presente no cotidiano, imposto pela linguagem, pelas práticas sociais, pelas

propagandas, nos conteúdos curriculares e didáticos, nas relações de trabalho, enfim, ele se impregna no cotidiano e no entorno das relações”; tornando-se um fenômeno despercebido, uma vez que nos acostumamos com os papéis destinados às mulheres e aos homens. Dentro dessa concepção, surgem, inadequadamente, por exemplo, as mulheres do sexo frágil e os homens, forte.

- **Papéis de gênero: o que você já ouviu falar?**

De acordo com os vocábulos discutidos anteriormente, observamos que a sociedade institucionalizou determinadas atitudes e comportamentos baseados em estereótipos pré-estabelecidos ao longo de toda a história. Exemplificando, desse modo, nas relações sociais, espera-se que meninas gostem de rosa e meninos, de azul; mulheres cuidem dos seus filhos e os homens, trabalhem.

- **Afinal, nosso trabalho é de Literatura. Vamos citar, brevemente, como as mulheres eram vistas? Exemplificando com dois enredos, a mulher nos contos de fadas do século XVII e XVIII.**

Nos tradicionais contos de fadas dos autores de Charles Perrault (1628-1703) e dos irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), amplamente popularizados pelas obras cinematográficas da *Disney*, observamos, claramente, a representação da mulher silenciada e submissa que vivia entre os séculos XVII e XVIII.

Para conversarmos, brevemente, sobre o machismo e o patriarcalismo, escolhemos *Pele de Asno*, de Perrault, e *Rapunzel*, dos irmãos Grimm. No primeiro, um rei promete a sua esposa doente, que somente se casaria novamente se encontrasse uma mulher como ela. Após a morte da amada, o rei vê em sua filha, a imagem da mãe e decide desposá-la. Sem ter o que fazer, é obrigada a se esconder por um tempo e trabalhar como empregada na cozinha de uma casa. Com o tempo, apaixonou-se por um príncipe e revela seu verdadeiro com o intuito de se casar. Assim, vemos como o papel da princesa está intrinsecamente ligado a quem ela era naquela sociedade, foge do pai e finaliza com um casamento.

No segundo, a bela Rapunzel, filha de camponeses, ao nascer, é entregue a uma fada má. Com doze anos, é trancafiada no alto de uma torre sem escadas ou portas, ou seja, silenciada, desacoplada da sociedade por sua beleza. Com o tempo, um príncipe descobre o esconderijo da bela garota, aproxima-se e a engravida. O ser

maldoso bane a garota com os seus filhos gêmeos para o deserto e cega o príncipe para que ele nunca reencontre o seu amor. Ambos ficar perdidos, mas conseguem se unir mais uma vez. Observa-se, nesse contexto, que a mulher é conduzida pelo seu natural destino, subjugada pelo sistema patriarcal e machista da época.

Aqui, foram exemplificados apenas dois contos de fadas em que a mulher é retratada nos sistemas de representação ideológicos da época. Todavia, outras narrativas caracterizadas em outros gêneros textuais poderiam compor o papel da mulher, como princesas, rainhas, mães ou camponesas. Por fim, vale enfatizar que, graças aos movimentos feministas, todos esses pontos discutidos estão sendo repensados, inclusive na literatura, a fim de que mudanças sejam possíveis dentro do conservadorismo patriarcal em que vivemos.

SUGESTÕES DE LIVROS

Contos maravilhosos infantis e domésticos, de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm:

https://www.amazon.com.br/Contos-maravilhosos-infantis-dom%C3%A9sticos-1812-1815/dp/8573267186/ref=asc_df_8573267186/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379712804817&hvpos=&hvnetw=g&hvrnd=14437152958708971943&hvpone=&hvptwo=&hvgmt=&hvdev=c&hvdvcmdl=&hvlocint=&hvlocphy=1001773&hvtargid=pla-809709681102&psc=1

Contos da Mamãe Gansa ou Histórias do Tempo Antigo:

https://www.amazon.com.br/Contos-Mam%C3%A3e-Gansa-Hist%C3%B3rias-Antigo/dp/855040313X/ref=tmm_hrd_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=1667822710&sr=8-2

Princesas, bruxas e uma sardinha na brasa; Contos de fadas para pensar sobre o papel da mulher, de Helena Souza e Geni Souza:

https://www.amazon.com.br/Princesas-bruxas-uma-sardinha-brasa-ebook/dp/B074ZQNLNW/ref=sr_1_7?_mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1B723VEM5YWR2&keywords=mulheres+contos+de+fada&qid=1667822849&srefix=mulheres+contos+de+fada%2Caps%2C242&sr=8-7

103 contos de fadas, de Angela Carter:

https://www.amazon.com.br/103-contos-fadas-Angela-Carter/dp/8535910891/ref=sr_1_14?_mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1B723VEM5YWR2&keywords=mulheres+contos+de+fada&qid=1667822883&srefix=mulheres+contos+de+fad%2Caps%2C242&sr=8-14

REFERÊNCIAS

BARRETO, M. do P. S. L. **Patriarcalismo e o feminismo**: uma retrospectiva histórica. Revista *Ártemis*, n. 1, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2363>. Acesso em: 6 nov. 2022.

CANCIANI, Pamela Maiara Chaves; CANACARRO, Ivo dos Santos. **Sexismo institucionalizado no cotidiano**: a educação em direitos humanos como mecanismo de transformação. Salão do conhecimento: Unijuí, 2016. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaocohecimento/article/view/7365/6131&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 6 nov. 2022.

GÊNERO. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=dicion%C3%A1rio+da+l%C3%ADngua+portuguesa&og=difcionario+da+ling&aqs=chrome.1.69i57j0i13i512l9.5047j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8#dobs=g%C3%AAnero>. Acesso em: 6 nov. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos maravilhosos infantis e domésticos**. São Paulo: Editora 34, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, v. 16, n. 2, p. 19, 1989.

PERRAULT, Charles. **Contos da mãe gansa ou histórias do tempo antigo**. São Paulo: SESI-SP, 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007

CONFIRA TAMBÉM OS VÍDEOS-MINUTO DESENVOLVIDOS SOBRE O TEMA

https://www.canva.com/design/DAFRHJKsvgQ/SxUlojD68yA1HWdsaLBkBw/watch?utm_content=DAFRHJKsvgQ&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=homepage_design_menu

https://www.canva.com/design/DAFRT0hi6EU/hlDc67K0yMN4Zv1H5kVtSw/edit?utm_content=DAFRT0hi6EU&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton